



As Ilhas Desconhecidas

Notas e Paisagens

Raul Brandão

As Ilhas Desconhecidas

Notas e Paisagens

Aos meus Amigos dos Açores

Paginado por Paulo Heitlinger

Divulgado em edição digital

Março de 2016

www.tipografos.net

Índice

Nota do editor	7
Em três linhas	11
De Lisboa ao Corvo	13
[Um transporte a vapor]	14
[Chegada à Madeira].....	20
[Chegada a Santa Maria, Açores]	23
[Olaria]	24
[São Miguel, Terceira...]	25
[Chegada à Ilha Terceira, Açores]	28
[O torpor].....	31
[Chegada a Velas]	35
O Corvo	39
[Vaquinhas e boizinhos].....	42
[Termos que nunca ouvi]	45
[Uma democracia cristã]	48
[Dor].....	51
[O Monte Gordo]	54
[Fome]	60
[Pescadores].....	67
[Se a América abrisse as portas, fugia tudo]	71

A floresta adormecida	75
[Santa Cruz das Flores].....	76
[Dão leite os montes e vales...]	78
[O paraíso das vacas].....	82
[O culto do Espírito Santo].....	86
[Morreu!].....	92
A Ilha azul	107
[Mulheres de Capelo e Capote].....	108
[No Azul].....	120
O Pico	129
[Vinhas do Pico].....	130
[A confraria de São Marcos].....	136
[Subida ao Pico].....	143
[O Piquinho]	145
[A dor do mundo].....	148
A pesca da baleia	154
Homens e barcos	169
[A Pesca do Bacalhau].....	170
[Mar de peixes].....	182
[Chegada às Flores]	189

As Sete Cidades e as Furnas	197
[Ponta Delgada]	197
[O Lago das Sete Cidades].....	201
[A cultura do chá]	206
[A cultura do ananás].....	206
[O vale das Furnas].....	211
[As águas das Furnas]	213
[O parque José do Canto, nas Furnas].....	218
O Atlântico açoriano	225
[Monstros do mar].....	234
[O Tubarão].....	237
[A mortandade dos golfinhos].....	240
Visão da Madeira	247
[Aproximação à Ilha da Madeira]	248
[No Funchal].....	250
[A caminho da serra].....	255
[Os cursões]	258
[Bananeiras].....	266
[Para inglês ver].....	269
[Detesto o turismo...]	273

Nota do editor

Quando escrevemos estas linhas, o «storytelling» é apregoado e vendido como a técnica mais eficaz para a promoção de destinos turísticos. Nos Açores temos poucos especialistas da Comunicação que dominem esta nova disciplina; mas não faz mal – Raul Brandão já fez o «storytelling» para os Açores, e já o fez em 1926. E com uma grande vantagem: Brandão não inventou histórias e fantasias, Brandão contou com palavras arrebatadoras os mais reais elementos da Geografia, das Gentes e dos Bichos dos Açores.

A primeira edição deste livro foi lançada há 90 anos, pois agora escrevemos 2016. Não sabemos se Raul Brandão supervisionou essa primeira edição, e se ficou contente com o trabalho dos tipógrafos. Nós não estamos muito de acordo com a forma como «As Ilhas» foram paginadas, e decidimos introduzir algumas alterações – respeitando sempre o conteúdo, obviamente.

A primeira alteração refere-se à introdução de subtítulos, com os quais assinalamos as partes principais em que o autor dividiu os capítulos. (Esses subtítulos vêm sempre assinalados com [], para lembrar ao leitor que estes elementos não existiam na primeira edição.) Com estes subtí-

tulos é mais fácil perceber quão heterogéneos são os diversos aspectos que o autor integrou em cada capítulo; deste modo, a estrutura do livro torna-se mais transparente, esperamos.

Esta obra é uma dos melhores textos que foram escritos em língua portuguesa, no século XX; provavelmente o leitor terá o desejo de reler algumas das páginas que mais o sensibilizaram – e logo verá que os subtítulos prestam uma grande ajuda para poder localizar rapidamente o trecho que pretende ler de novo...

Raul Brandão (nascido em 1867) já tinha quase 60 anos quando, em 1924, viajou aos Açores e escreveu estas magníficas páginas de *Literatura de Viagens*; reunia então na sua pessoa o competentíssimo jornalista que foi durante largos anos; o dramaturgo que escreveu várias peças, o artista visual amador que pintava com palavras, e o melancólico e frustrado espectador da tragédia humana. Não admira portanto que «As Ilhas» sejam uma mistura de reportagens, cenas de teatro (reais), pinturas de paisagens e amargas reflexões.

Mas será que Raul Brandão sabia que também foi um excelente cineasta, escritor de argumentos? Pois este livro está repleto de cenas prontas a serem filmadas – só que muitas vezes, os cortes não foram assinalados explicitamente – e para isso também servem os subtítulos que introduzimos.

Outra alteração refere-se às notas de rodapé. Na edição original, existem apenas quatro notas do autor; nesta edição, o leitor vai encontrar umas tantas «Notas do editor», que servem para explicar alguns sítios, animais, temas e pessoas que a maioria dos leitores desconhecerá, especialmente se ainda não conhece os Açores. Também muitos açorianos não saberão quem foi o «Príncipe de Mónaco». Com uma pequena nota, os responsáveis por esta edição introduzem pequenas explicações, curtíssimas biografias.

É interessante que Raul Brandão adoptou nestes seus textos uma série de expressões típicas, que só se usam no Arquipélago; também estas vem «traduzidas» em curtas notas de rodapé.

Ponta Delgada, aos 18 de Março de 2016

Em três linhas

Este livro é feito com notas de viagem, quase sem retoques. A penas ampliei um ou outro quadro, procurando sempre não tirar a frescura às primeiras impressões. Tinha ouvido a um oficial de marinha que a paisagem do arquipélago valia a do Japão. E talvez valha... Não poder eu pintar com palavras alguns dos sítios mais pitorescos das ilhas, despertando nas leitores o desejo de os verem com os seus próprios olhos!...

1926. R.B.

De Lisboa ao Corvo

8 de Junho, 1924, a bordo do *São Miguel*

Enquanto a gente vê terra, não tira os olhos — não pode — dum resto de areal, dum ponto violeta que desmaia e acaba por desaparecer na crista duma vaga. Um ponto e acabou o mundo.

O nosso mundo agora é outro. Durante um momento calamo-nos todos a bordo. A abóbada esbranquiçada fecha-se e encerra o disco azul onde espumas afloram nos redemoinhos que nos cercam: só uma gaivota teima em nos acompanhar descrevendo círculos por cima do navio. O ruído da hélice e a vasta desolação monótona...

A vida a bordo dos vapores perdeu todo o interesse da antiga navegação à vela: é a vida a bordo do Hotel Francfort, com porteiro e tudo.

Foi-se o encanto dos velhos navios com as vergas rangendo ao vento e o gajeiro sobe-que-sobe àquele mastro real. O que vale é a agitação tremenda que não cessa, a água em vagalhões cada vez mais cinzentos e maiores, que as velhas de penante e plumas, sentadas de bombordo a estibordo, e que se atrevem com o oceano Atlântico, fazem o possível por amesquinhar.

Mas vem a tarde, vem a noite nesta desolação amarga: o mar carrega-se e cospe-nos salpicos; paira no céu uma tinta que se entranha nas águas e as escurece. Ar lívido, água revolta e uma grandeza com que não posso arcar. Mais escuro...

[Um transporte a vapor]

Já se não vê a ondulação perpétua; só se ouve o ruído da hélice incansável e o do esgoto rape-que-rape, como uma grande vassoura sobre as águas. Isto acaba por uma coisa negra e desmedida, por uma coisa ameaçadora e cheia de vozes, que o Hotel Francfort não consegue fazer esquecer com toda a sua banalidade.

As estrelas nos ares agitados parecem outras estrelas, o céu outro céu e as forças desencadeadas do caos nunca as senti tão perto como hoje, nesta voz monótona que sai do negrume, nesta massa que nos mostra os dentes no alto das vagas entre as chapadas de tinta na imensa solidão desolada. Isto acaba pela treva absoluta.

Está ali — está ali presente toda noite que não tem fim. Nós bem fingimos que não vemos a solidão trágica, o negrume trágico, mas eu tenho-o toda a noite ao pé de mim.

Toda a noite esta coisa complicada que é um transporte a vapor range pavorosamente como se fosse desconjuntar-se; toda a noite sinto a água bater no costado e a máquina pulsar contra o meu peito. A ideia da morte não nos larga: separa-nos do caos um tabique de não sei quantas polegadas.

Todos os passageiros se fingem despreocupados. Só acolá, sob o castelo da proa (3ª classe), embrulhada num xale e sentada sobre um baú de lata, aquela mulher do povo sente como eu o terror sagrado do mar — e não o oculta. Olha petrificada. Aqui só há uma coisa a fazer, é a gente entregar-se...

9 de Junho

Mas hoje acordo, subo ao convés e tenho uma alegria frenética. Tudo isto, todo este azul, toda esta frescura, me entra em jorro pelos olhos dentro e pela alma dentro. A tinta azul não só ondula — estremece em pequenos grãos vivos, numa acção extraordinária, e o mundo sempre novo que me rodeia penetra-me do seu bafo e comunica-me a sua vida.

Tomo posse do barco. Primeiro é a vigia que me encanta, aquela pupila redonda e azul que me fita logo que acordo e por onde o mar espreita para dentro do camarote.

Depois é a pequena cela toda branca onde todas as coisas estão nos seus lugares medidos e calculados. A cabina reduz de propriedade e a sua beleza geométrica consiste em não ter de mais nem de menos: é o espaço exacto para a vida do passageiro, ou do frade¹.

Quando saio do camarote acho-me logo no convés. Este mundo muito limitado corre-se nalguns minutos. No castelo da proa, entre cabos embreados, ceroulas penduradas numa corda, e gente de terceira classe, é que a vida pitoresca do barco se revela melhor.

Marinheiros preparam os cabrestantes para a descarga de amanhã, o carpinteiro de bordo prega tábuas e a tinta azul corre aos lados do vapor misturada de espuma à superfície.

Olho o imediato na ponte dirigindo a manobra. Volto e acabo por me fixar durante alguns momentos na cobertura pintada a ripolém, camada de branco, camada de verniz — cheira a alcatrão e a iodo — com os olhos presos na massa

¹ Nota do editor. O célebre arquitecto e urbanista francês Le Corbusier relata nos seus escritos que as fontes de inspiração primária para conceber as suas “Máquinas de Habitar” foram, precisamente, a organização do espaço em paquetes transatlânticos – e nas minúsculas celas dos frades, nos conventos...

uniforme e fugidia, que se distingue do céu por ser mais condensada e mais azul.

O panorama é imutável, metade céu e metade mar, e lá em baixo no costado o jorro do esgoto continua a desfazer-se em milhares de pérolas líquidas; é a alma do barco que resfolga.

Para compreender melhor este engenho, hotel e máquina ao mesmo tempo, tenho de descer ao interior e ver-lhe as tripas. Quando se abre a portinhola de ferro o quadro muda instantaneamente.

Lá vai o hotel e o navio! — O que tenho diante de mim é um vasto espaço de paredes indecisas que a luz coada por papel oleoso ilumina — grande nave onde se agitam esqueletos esbranquiçados.

Desço pela escada de caracol entre os cabeçorros de aço e engrenagens que mexem as pernas de aranha, braços que se movem por todos os lados, a escorrer óleo, fazendo gestos desajeitados. Todas estas peças que trabalham desordenadamente, subindo e descendo reluzentes de gordura, vão e vêm, remexem em conjunto para o mesmo fim.

Os degraus da escada queimam, o ar quente irrespirável vibra, entrecortado às vezes dum resfolgar mais fundo que abafa os outros ruídos. Este complicado maquinismo ilumina o barco, transforma a água e faz mover as hélices. Complicado e delicado.

— Deitado no beliche, diz o maquinista, eu sei perfeitamente qual é a máquina que se desarranja e não trabalha como deve.

Mas a alma do transporte é o fogo. É o fogo que faz girar os dois grandes veios de aço, que atravessam o barco em toda a sua extensão até às hélices.

Entreabre-se uma pequena porta de ferro e recuo sufocado. A tragédia do navio que se transformou em máquina está aqui: para que o hotel viva, digira e se mova, é preciso que alguém sofra.

Estou dentro dum grande poço de ferro onde a atmosfera é irrespirável. Duas paredes lisas de alto a baixo, cinzentas, e sem uma falha. A luz vem de cima, claridade duvidosa e suja, e quando aqueles homens, que se agitam lá dentro, abrem a porta da fornalha, um jorro vermelho ilumina, cresta e deslumbra.

No chão ardem escórias, um fogueiro negro e curvado atira lá para dentro pazadas de carvão, e logo a portinhola bate com estrondo contra a alta parede de ferro.

Fujo. Enquanto lá em cima todos nós vivemos no Hotel Francfort de Santa Justa, os outros cá em baixo vivem no Inferno.

10 de Junho

Ainda de noite, acordo, com o cheiro a terra. Salto do beliche e subo ao convés, que os marujos lavam a jorros de água. Luz cinzenta, luz doirada — transparência azul boiando cheia de cintilações ao longe, e depois mais luz viva que nasce e estremece diante da grande massa escura que sai do mar sob a magia do nascente: tenho diante de mim dois morros espessos, um mais próximo, recortando o negrume no céu doirado, e o outro ao fundo, todo roxo e picado de luzinhas como se lhe tivessem soprado faúlhas que se pegam e reluzem.

A primeira luz ilumina a imobilidade cinzenta do mar, e, à medida que o vapor desfila na base do maciço negro e disforme, desdobram-se os planos e aparece intacto todo o pano de fundo. Um hálito azul... Mais claridade estremeendo — esta primeira luz delicada e viva, quando acorda a terra e acorda o mar com o céu todo doirado e virgem para as bandas do nascente e nos deita o bafo à cara. A frescura que nos trespassa torna-nos também etéreos.

Para acolá está tudo ainda doirado e confundido, o morro maior e mais negro, e ao pé de mim cinzento e azul. Andam nas águas reflexos e espumas, e no fundo, donde o vapor saiu, ainda a luz do sol que se irisa nas águas, se mistura com a névoa e com um pouco de fumo da máquina que ficou suspenso e imóvel no ar.

Há um momento único, um momento doirado, mar e céu doirado e casto, e outro em que tudo fica pálido e cinzento. Há um momento em que desejo que isto não mexa mais...

[Chegada à Madeira]

Fundeamos e a Madeira abre-nos os braços, com a Ponta do Garajau num extremo, e a Ponta da Cruz no outro extremo. Adivinho as casas, que por ora são fantasmas e descem lá do alto até à praia.

Agora o tom cinzento desapareceu, domina o azul e o oiro, e na minha frente o grande anfiteatro verde dos montes ergue-se como um altar até ao céu. É uma serra a pique, é uma serra voluptuosa e verde que se oferece lânguida e verde.

Ao meio, um grande monte entreaberto; por trás a montanha enorme e escavada. Algumas colinas vão terminar no farol e no forte sobre um penedo destacado e corroído.

Fico todo o dia a bordo, deslumbrado, contemplando a Madeira, a embeber-me no espectáculo da luz, que passa do cinzento ao azul, que ganha todos os tons e se modifica a todos os momentos, até ao fim da tarde, em que o mar se torna diáfano e os montes transparentes, com uma grande nuvem pousada em cima.

Vejo perder a cor, desfalecer, sumir-se a terra, que no escuro cheira cada vez mais a fruta e me inebria. Já o primeiro plano está roxo, o segundo é uma mancha enorme e indecisa, e o mar no poente arfa como um seio, ainda iluminado. À medida que o vapor se afasta, a montanha que me atrai parece mais negra e maior: — sobe, ergue-se e chega ao céu.

Largamos e vem a tarde, vem a noite, e o cair da noite no mar é um espectáculo trágico. Este movimento que não cessa, das ondas avançando em colunas cerradas, umas atrás das outras, sempre, põe-me diante do que mais temo no mundo — do universo como mistificação e acaso... Lá vão as cores — as tintas — o doirado...

Sou aquele fragmento de tábua que as ondas levam sem destino, sempre no mesmo negrume, no mesmo movimento perpétuo e inútil... Não é só a ameaça, a grandeza da noite, do mar, das vozes; é outra coisa pior que se afirma — a tragédia do universo descarnada e posta a nu diante dos meus olhos.

Com todas as suas complicações e o seu génio, as suas máquinas portentosas, com as suas ideias e a arquitectura que tem erguido e que chega aos céus — o homem, nestes momentos, sente que vale tanto como um cisco para esta coisa imensa e negra, para esta agitação incessante. Isto é pior que implacável, é pior que ameaçador: — não nos conhece.

De noite todo o barco geme. De quando em quando uma onda maior bate no costado — pah! ... Sinto-a contra mim, deitado no beliche, com um lamento que se prolonga e me enche de pavor. Pah! ... — é o negrume, o mar imenso e desconhecido, todo o mar. E o ah arrasta-se e desgrenha-se na noite, no vento, na profundidade.

...Uma manhã transparente que hesita e flutua como um ser delicado, envolta em neblinas. Céu dum azul-pálido, forrado no horizonte de nuvenzinhas claras. Mar desmaiado, que não foi feito para se ver mas para respirar, esparso, quieto e fundido.

Ao fundo uma mancha indecisa, envolta em névoa, que logo se resolve em poeira esbranquiçada... Há nas coisas uma hesitação, uma mescla, um abrir, como no princípio do mundo quando a água, a luz e a terra não estavam ainda separadas pela mão de Deus.

A tinta é muito pouca — quase nada de cor e de sonho.

[Chegada a Santa Maria, Açores]

Santa Maria desvenda-se entre as névoas: um monte alongado com uma parte mais baixa e a Vila do Porto saliente, tudo azul emergindo do azul. À medida que o *São Miguel* se aproxima, reparo que a ilha é doirada, com sombras a escorrer pelos montes abaixo.

Alguns riscos mais carregados, algumas manchas roxas que pouco a pouco se acentuam. Fico perplexo e só quando chegamos quase à fala da povoação, Vila do Porto, é que compreendo: a ilha é um torresmo de pedra negra, de areia negra, como se tivesse passado pelo fogo do Inferno, mas o torresmo está coberto de giesta rasteira e doirada, de giesta em flor, que cheira a uma légua de distância.

Subo por um caminho entre figueiras-do-diabo e solteiras, como se chamam aqui as sardinheiras, que crescem por todos os lados. Colinas, campos de pastagem, e ao longe um pico mais alto donde se descobre toda a ilha. Povoação de duas ou três ruas e casinhas, com a igreja, a ossada dum convento e o solar humilde de Gonçalo Velho².

2 Nota do editor. Segundo o cronista Gaspar Frutuoso, na sua obra *Saudades da Terra*, Gonçalo Velho descobriu a ilha de Santa Maria, em 1432, e a de S. Miguel, em 1444. É de notar que nem Gomes Eanes de Zurara, nem Duarte Pacheco Pereira o referem nas suas crónicas. Gonçalo Velho foi o primeiro capitão-donatário das ilhas de Santa Maria e S. Miguel, no Arquipélago do Açores.

É isolado e triste — mas pedras, campos e furnas estão cheios de asas e de gritos: os escarmentos, negros como melros, passam no ar com o biscato no bico, e a babosa enche este negrume cinzelado de oiro e de perfume. Há momentos em que se encobre o Sol e o torresmo sai mais negro do mar: só fica o cheiro que impregna a terra e o céu.

[Olaria]

É aqui que os barcos de três velas vêm buscar o barro em bolas, para São Miguel fabricar grandes talhas, canecas porosas, vasilhas de todas as formas e feitios. Santa Maria não só fornece os oleiros dos Açores mas fabrica também cântaros, púcaros, caboucos, numa ruazinha escondida da vila.

Processos primitivos: o homem numa oficina escura prepara e amassa o barro, a que outros vão lentamente dando feitio no engenho. Trabalha a mão e o pé: o pé na grande roda que faz girar o prato com o barro ainda informe, e a mão dando-lhe a forma. Que importa que isto seja um ermo onde até às vezes a água falta, sendo preciso para matar a sede trazê-la em navios de São Miguel? Aqui se vive e aqui se morre.

E devo dizer que desta ilha silvestre duas coisas ficarão para sempre na minha memória: o púcaro de barro poroso que torna a água fresquíssima, e o cheiro a giesta que a

embalsama. Fiquei-a conhecendo para o resto da minha vida pela ilha que cheira bem... À tarde, pelas sete horas, temos outra ilha à vista, sob grossas nuvens amontoadas, tudo da mesma cor, nuvens e ilha.

Ao largo um pôr do Sol dramático enche o horizonte, doira os bordos dos cerros e irrompe pelos interstícios caindo em feixes sobre as águas. Assisto ao desenlace deste drama mudo e extraordinário, quando ao mesmo tempo o ar se incendeia cor de cobre e na vasta solidão de estanho correm jorros de oiro fundido.

[São Miguel, Terceira...]

Já no horizonte outra ilha se estende em biombo, baixa e enorme, toda da mesma cor. Mas o que me interessa é a luz que mudou, é o céu que mudou — a luz delicada dos Açores, o céu dos Açores carregado de humidade e forrado de nuvens que um pintor imitaria na tela com pequenos toques horizontais cor de chumbo, carregando-os e amontoando-os cada vez mais até à linha do horizonte.

E é esta luz que me acompanha e nunca mais me larga, a mim que vivo de luz límpida, e que acordo todas as manhãs com o pensamento na luz...

Ilumina São Miguel (13 de Junho), coada pelo céu pardo, e Ponta Delgada estendida à beira da doca, com um grande monte violeta ao lado.